

Formando pesquisadores do futuro

Polêmica, a escola pública Desembargador Amorim Lima é referência em projetos experimentais

Regiane de Oliveira
roliveira@brasileconomico.com.br

Um menino de aproximadamente 12 anos, visivelmente adocentado e à espera do pai na sala de entrada da Escola Municipal Desembargador Amorim Lima, no bairro Vila Indiana, zona Oeste de São Paulo, pergunta se sou repórter e se vou escrever algo sobre a escola. Ele mal esperou a resposta e desatou a falar. “Eu sou novo aqui, esta escola tem um ótimo método, mas não dá certo. Temos muita liberdade. Tudo depende do aluno. A outra escola que estudei era Waldorf e parece uma prisão perto desta.”

A pedagogia Waldorf, criada pelo filósofo antroposófico Rudolf Steiner em 1919, é considerada inovadora até os dias de hoje por trabalhar questões humanas, cidadania e responsabilidade social por meio de vivências pedagógicas, onde a prática vem antes da teoria. É um dos sistemas menos tradicionais, só oferecido em escolas particulares do país.

Por que o colégio municipal Amorim Lima é mais liberal? “Aqui cada um faz o que quer”, diz o aluno. Este comentário não é considerado crítica pela diretora da escola Ana Elisa Siqueira, pelo contrário, é a base da inovação da escola. O aluno faz o que quer e isto está previsto no projeto pedagógico.

O Amorim Lima ganhou notoriedade em 2004 como a escola sem parede, onde estudantes de diversas séries dividem a mesma sala, e os professores trabalham de forma integrada para ensinar. Um projeto único, que atua na construção do cidadão sob a perspectiva da autonomia e foi inspirado em outras “escolas como alma”, como diz Ana Elisa. O projeto mais parecido é a escola da Ponte, da Vila das Aves, em Portugal, que propõe que a aprendizagem é um processo social em que os alunos constroem significados a partir da experiência. “A criança não tem responsabilidade absoluta pela sua aprendizagem, mas tem responsabilidade”, diz Ana Elisa.

O foco do Amorim Lima é transformar o aluno em produtor de conhecimento. Isto não é fácil e nem todos se adaptam.

Os alunos parecem entender bem esta realidade, uma vez que são estimulados a pensar sobre aquilo que vivenciam. E não poupam críticas. “Aprendemos muita cultura brasileira e trabalhamos com autonomia. Mas na 8ª série a pressão é muito grande”, diz uma aluna de 14 anos, que prepara um trabalho de conclusão de curso, o chamado TCC, normalmente conhecido só por universitários.

Seis anos depois de ter implementado a nova forma de ensinar, o processo de construção das metodologias de trabalho da escola ainda está em desenvolvimento

Processo educativo

Na escola Amorim Lima, passado o período de alfabetização, geralmente na segunda série, a criança começa a trabalhar com os roteiros de pesquisa, um método elaborado por Geraldo Tadeu Souza (doutor em Linguística pela Universidade de São Paulo). Esses roteiros são divididos em dois ciclos e diversas temáticas como Identidade e Alteridade, Nosso Planeta, Nosso Mundo, Matemática, Vida, Saúde, entre outros. O conteúdo interdisciplinar é atualizado anualmente.

Por exemplo, um estudante da 7ª série receberá no começo do ano letivo um gráfico para o planejamento de estudo de seus roteiros, com os temas que terá de cursar no período, como Alimento, América Central, Brasil, Cálculo, Esqueleto, Genoma, Mitos ou Desigualdades. Será sua a escolha de qual ordem seguir. O tempo de estudo de cada temática varia de uma semana a um mês. Atividades culturais como Capoeira, Dança e Circo também estão no currículo.

A escola tem 860 alunos em dois períodos (manhã e tarde), e eles são divididos em salas com cerca de 30 estudantes, em grupos de cinco (veja foto ao lado). “Fazemos o possível para que estes alunos mantenham-se juntos no decorrer dos nove anos de estudo”, explica Ana Elisa.

A lousa, em geral, tem a função apenas de passar recados, uma vez que a orientação do aluno é praticamente individual. Cada professor é tutor de um grupo de 20 alunos e acompanha seu desenvolvimento nos roteiros. Até mesmo a diretora e outros educadores em funções administrativas têm seu grupo de alunos. Ana Elisa orienta duas turmas que têm juntas 40 estudantes.

Seis anos depois de ter implementado a nova forma de ensinar, o processo de construção das metodologias de trabalho da escola ainda está em contínuo desenvolvimento. Ana Elisa não acredita em um método só. Não gosta de rótulos. E é

contra qualquer tipo de sistema que estabeleça limitações da forma de ensinar, como as cartilhas distribuídas no governo na escola pública. “O governo tem alguns materiais muito bons, mas para nós não é suficiente”, conta. A escola tem utilizado algumas apostilas como lição de casa, para alunos que precisam de reforço.

Vantagens e desvantagens

São constantes as críticas quanto ao modelo experimental da escola. Cláudia Georgia Sabba, doutora em educação pela USP,

e que estudou formas de aprendizagem além dos limites escolares, vê mais vantagens do que desvantagens. “O aluno deixa de ser apenas a pessoa sentada na sala que recebe o conhecimento. Ele começa a ser educado com liberdade de pensamento e aprende a ser um pesquisador desde cedo.” Mas a pesquisadora pondera: “É um sistema no qual o aluno depende de apoio, não só da escola, mas principalmente da família, que tem de criar um ambiente de aprendizado. Sem isso, ele não acompanha.” ■

CARACTERÍSTICAS

- Escola foi criada com base na ação comunitária e tem o apoio da Prefeitura de São Paulo.
- Eventos como o Futepão e o Futepizza, ajudam a trazer os pais para dentro da escola.
- O projeto pedagógico político está na internet.
- Os alunos têm boa performance nas avaliações da Prova Brasil.



TRÊS PERGUNTAS A...

...ANA ELISA SIQUEIRA

Educadora e diretora da Escola Municipal Desembargador Amorim Lima

Educador não é só um reprodutor de ideias, é um criador de processos e, por isso, precisa se atualizar

Ana Elisa Siqueira atua há 14 anos na escola Amorim Lima e é peça fundamental na manutenção do novo sistema de ensino.

Muito se fala que a educação pode resolver os grandes problemas sociais. A senhora concorda?

A educação no Brasil é um caos. E resolveram jogar para a escola toda a responsabilidade em

resolver problemas. Imagine, até leite já foi distribuído na escola. As teorias sobre isso são maravilhosas. Veja a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional). Fizemos uma lei incrível para não ser cumprida. Mas você vê alguém falando sobre praças, clubes, saúde. Isso também faz parte da educação, mas ninguém quer se responsabilizar por isso.



“

Por que só filho de rico pode escolher o tipo de projeto pedagógico a seguir? Na escola pública, o ensino é igual só na teoria. E isso não é democrático. As pessoas têm de ter o direito de escolher que método de ensino querem para seu filho

Ana Elisa Siqueira,
diretora da Amorim Lima



Fotos: Henrique Manreza

Sala que mescla séries incentiva o aprendizado em grupo

Quais problemas a Amorim Lima conseguiu resolver com o novo projeto?

A valorização dos professores é um ponto que mudou muito. Quando ele percebe que a escola é um espaço de trabalho coletivo, baseada em um projeto norteador, ele descobre que não está sozinho na sala de aula. E que tem uma responsabilidade muito grande.

Se um professor falta, não é um problema exclusivo daqueles alunos que ficaram sem aula, é do coletivo. Ele tem de responder por isso. O projeto faz a ética voltar para o lugar. Além do mais, como não existe fórmula, o educador tem a obrigação de estar em dia com os estudos, por que ele é um criador de processos e não apenas um reproduzidor de ideias.

A procura por vagas é muito grande?

Na verdade não. Muitos pais têm medo do que vão encontrar e se perguntam se seu filho vai conseguir acompanhar. E de fato muitos não conseguem, mas é importante ele ter opções. Por que só filho de rico pode escolher o tipo de projeto pedagógico a seguir? Na escola pública o ensino é igual só na teoria, cada escola tem um jeito, uma alma.